

**O VISTO E O NÃO VISTO:
LA BÊTE, MICHELANGELO E A PARANÓIA CONTEMPORÂNEA DO NU NA ARTE**

Leal, Gustavo Salgado; Mestrando; Universidade Federal da Bahia; gugasaleal@gmail.com¹

RESUMO

Em 2017, a cultura e a arte brasileiras foram atacadas por grupos de radicais conservadores: mobilizados em redes sociais e (des)informados por *fake news*, grotescos e quixotescos neocruzados encampam campanhas contra supostos casos de crimes de cunho sexual e de atentados ao pudor, à moral e aos bons costumes em exposições contemporâneas de arte – eleitas como moinhos de vento. Dentre as exibições atacadas em todo o Brasil, podemos citar alguns casos mais emblemáticos, como: *Queermuseum* (Santander Cultural, Porto Alegre - RS); *Histórias da Sexualidade* (MASP, São Paulo - SP); e o *35º Panorama da Arte Brasileira - Brasil por multiplicação* (MAM-SP, São Paulo - SP), com ênfase à sua performance de abertura, *La Bête*, do artista Wagner Schwartz. No rastro das comemorações do centenário da Semana de 1922, a arte brasileira ainda precisa enfrentar e combater muita ignorância e muitos preconceitos, muitos deles intensificados pela atual onda de direita extremada, conservadorismo, fundamentalismo religioso e nacionalismo exacerbado. Em virtude disso, esta investigação é um exercício crítico acerca de fenômenos contemporâneos de censuras a exposições, eventos e expressões artísticas que envolvam a nudez, com dois recortes principais de análise: o contexto de 2017 da obra *La Bête*, de Wagner Schwartz; os nus masculinos (*ignudi*) elaborados por Michelangelo no teto da Capela Sistina. Ainda que, num primeiro momento, não pareçam ter uma conexão óbvia, ao olharmos para essas pinturas de Michelangelo (que sofreram intervenções censórias após o Concílio de Trento) podemos compreender que a nudez humana – e mais especificamente a apreciação da nudez masculina – compõem eixos centrais do nosso imaginário ocidental. Para tanto, este trabalho de reflexão e registro tenta ir na contramão do esquecimento (esquecimento esse apontado por Hans Ulrich Obrist como recorrente na literatura contemporânea acerca das exposições de arte), e encontra afinidade com uma proposta de crítica

¹ Crítico de arte e educador. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Universidade Federal da Bahia – UFBA). Mestrando em Artes Visuais, na linha de pesquisa em História e Teoria da Arte (também pela UFBA).

afetiva defendida por Frederico Morais. A partir de uma abordagem metodológica analítico-crítica de revisão de algumas publicações da imprensa a respeito das polêmicas de 2017, e de literatura de História da Arte (facilmente acessíveis ao grande público) sobre os *ignudi* da Capela Sistina, podemos realizar, à moda de Walter Benjamin em suas *Teses sobre o conceito de História*, uma postura de escovar a(s) história(s) à contrapelo. Em tempos de conservadorismos, censuras e obscurantismos, a proposta é lançar luz sobre esses contemporâneos tabus, refletindo sobre o vestir e o despir nas artes.

Palavras-chave: Nudez; Michelangelo; Wagner Schwartz.